

**RESENHA DO LIVRO:
HISTÓRIA DAS GUERRAS**

MAGNOLI, Demetrio. **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2006, 480 p.

Capitão-de-Mar-e-Guerra (RM1) Joaquim Arinê Bacelar Rego

Capitão-de-Mar-e-Guerra Joaquim Arinê Bacelar Rego é colaborador do Centro de Estudos Político-Estratégicos e foi Diretor do Serviço de Documentação da Marinha.

Guerra: sacrifício, sofrimento, morte; são idéias que logo são associadas àquela calamidade. Mas seria a guerra algo mais do que um flagelo, permeado de horrores?

Vários centros de pensamento, assim como estudiosos isolados, sintonizados com a síntese da “inteligência clausewitziana” de que a “guerra é a continuação da política por outros meios”, acreditam que esse fenômeno, tão antigo como a própria história da humanidade, há muito deixou de ser um assunto de competência exclusiva dos militares. Verifica-se que esse juízo é coerente quando se faz uma análise das conseqüências geopolíticas dos conflitos, as quais impuseram mudanças, por vezes definitivas, na organização política, econômica e social de várias nações. Portanto, conhecer as guerras no seu contexto histórico se impõe como uma necessidade, não só para o poder político de qualquer país, mas, sobretudo, para a sua sociedade.

Nesse sentido, o livro “História das Guerras”, organizado pelo geógrafo Demétrio Magnoli, a pedido da Editora Contexto, é uma obra

fundamental, pois aborda a guerra como um fenômeno total e eminentemente humano. Para a sua feitura, foi escolhido um conjunto de historiadores, especialistas em geografia política, jornalistas e militares brasileiros. Com um poder de síntese adequado e uma linguagem clara e agradável, os autores perpassam cerca de 2500 anos de história, analisando quinze dos mais proeminentes conflitos.

O professor Magnoli por meio de visões diferenciadas, desde o pensamento do general chinês Sun Tzu até o entendimento estadunidense e a tradição européia, tratadas no seu breve ensaio introdutório “No espelho da guerra”, incita o leitor a fazer uma viagem pela história dos conflitos. Quando cita Heráclito: “a guerra é o pai de todas as coisas” e conclui que “é apenas realista reconhecer que não somos muito diferentes dos gregos de 25 séculos atrás”, Magnoli sintetiza, de forma precisa e direta, o papel da guerra na história.

O périplo histórico, engendrado no livro, se inicia pela Guerra do Peloponeso, excursiona pelas Conquistas Bárbaras, pelas

Cruzadas na Idade Média, pelos principais conflitos dos séculos XVII, XIX, XX e termina nas Guerras do Golfo.

A “Guerra do Peloponeso”, conflito transcorrido de 432 a 404 a.C., que opôs Atenas às demais cidades-estado gregas de Esparta, Tebas, Corinto e a Liga do Peloponeso, foi analisada pelo historiador Pedro Paulo Funari. O autor contextualiza o cenário geopolítico do conflito – a Grécia do século V a.C. – apontando as suas causas estruturais e identificando as alianças militares, permeadas por rivalidades étnicas e culturais. Ao final, são identificadas as conseqüências da guerra, destacadas as inovações diplomáticas e estratégicas e mostradas como, ao longo da história da humanidade, a Guerra do Peloponeso tem despertado o interesse dos estudiosos da arte da guerra.

Entre 264 e 146 a.C., Roma e Cartago se opuseram em três conflitos, que ficaram conhecidos, posteriormente, como as “Guerras Púnicas”; denominação que é derivada da expressão latina *punicus*, que significa “os habitantes de Cartago”. A historiadora Renata Senna Garraffoni desenvolveu o tema, optando por analisar cada um dos três conflitos separadamente, em face de as suas causas e repercussões serem bem distintas. Discorre sobre os romanos e a guerra, Cartago e a expansão romana e incursiona sobre as conquistas de Roma daquele então. Ao final do seu texto, a autora busca identificar o legado das guerras, apontando como

“do ponto de vista militar, as Guerras Púnicas propiciaram o desenvolvimento de novas técnicas e táticas, apreciadas por generais ao longo da história”.

No capítulo seguinte, o historiador José Rivair Macedo apresenta as “Conquistas Bárbaras”. Rivair é claro na análise do período da história em que o Império Romano enfrentou as invasões bárbaras aos seus domínios. O autor destaca os povos da Ásia Central e os germânicos e, por fim, analisa como a guerra influenciava a vida das sociedades que se formaram nos reinos bárbaros.

O próximo texto refere-se às “Cruzadas”. Na Idade Média, a expansão da Cristandade latina chocou-se com o projeto dos muçulmanos de buscar ampliar seus espaços de dominação e conversão islâmica, gerando uma Guerra Santa que envolveu cristãos latinos, muçulmanos e bizantinos nos limites da Cristandade (Síria e da Palestina) e na Península Ibérica. Tal enfrentamento militar, longo e desgastante, é analisado pela historiadora Fátima Regina Fernandes. A autora aborda o contexto gerador de tal confronto, com suas causas sociais, políticas e religiosas, as expansões da Cristandade e dos muçulmanos e os interesses conflitantes. Fátima finaliza a sua análise ao fazer um balanço do movimento das Cruzadas e apresentar os seus legados no imaginário atual.

Coube à historiadora Elaine Senise Barbosa apresentar “Gêngis Khan e as Conquistas Mongóis”. O assunto é instigante, pois no

imaginário das pessoas vem a figura de um bárbaro sanguinário que, nos séculos XII e XIII, espalhou terror e destruição desde a China à Europa Oriental, passando pela Pérsia e pelo Oriente Médio. Como ponto de partida, a autora faz uma comparação entre as sociedades nômades e as sedentárias. Procura também mostrar como surgiu Gêngis e seu exército, que se transformaria numa máquina de guerra quase imbatível, bem como se formou o que teria sido o maior Império do mundo. Por fim, busca desvendar o fenômeno da expansão mongol, associando-o sempre a Gêngis Khan – o grande líder nômade de uma sociedade sem Estado.

A longa guerra travada entre 1618 e 1648, a “Guerra dos Trinta Anos”, que teve efeitos tão devastadores para a Alemanha como a própria Segunda Guerra Mundial, é analisada pelo historiador Henrique Carneiro. O autor, ao abordar o tema, incursiona sobre a Guerra Civil alemã, verifica os aspectos religiosos e econômicos do conflito e avalia a situação de Alemanha, Espanha, Holanda, França, Suécia e Polônia. A Guerra dos Trinta Anos, ao debilitar a Espanha, ensejou a retomada da independência portuguesa, em 1640, o que trouxe conseqüências para o Brasil. Ao final da guerra, em 1648, os Tratados de Westfália estabeleceram uma nova ordem na Europa, na qual a “razão de Estado” sobrepõe-se sobre os demais princípios, gerando um sistema internacional de Estados. Ao concluir, Henrique assevera que a recuperação da Alsácia pela Alemanha,

como conseqüência da Guerra Franco-Prussiana (1871), “é uma das fontes decisivas da ruína do equilíbrio europeu e do desencadeamento das duas guerras mundiais no século XX”.

O historiador Marco Mondaini, quando trata das “Guerras Napoleônicas”, busca sintetizar a obra do famoso general e estadista corso Napoleão Bonaparte, a qual não é importante somente no aspecto histórico-militar, mas, sobretudo, do ponto de vista político. Mondaini procura contextualizar o leitor no mundo contemporâneo de Napoleão, abordando a revoluções Industrial e Francesa e o Império construído por Bonaparte; não deixa de analisar o Grande Exército francês (Grande Armée) e as grandes batalhas, tanto terrestres como navais, destacando a campanha napoleônica na Rússia e a decisiva batalha de Waterloo. Ao terminar o trabalho, discorre sobre as heranças das Guerras Napoleônicas, quando aborda as conseqüências para o mundo ocidental dos 25 anos de conflito europeu e o legado de Napoleão Bonaparte.

Entre 1861 e 1865 ocorre nos EUA a “Guerra de Secessão”; primeiro conflito moderno da história, segundo alguns estudiosos. Esta guerra civil, que ceifou a vida de cerca de 620 mil estadunidenses e deixou 400 mil feridos ou mutilados, é analisada pelo geógrafo André Martins. Nesse capítulo, o autor apresenta o mundo e os EUA em 1860, faz uma explanação sobre o início da guerra e a evolução dos combates e não deixa de abordar a logística, fundamental naquela

guerra. Apresenta as novidades tecnológicas que estreadam como artefatos de uso militar, como o emprego da blindagem na guerra naval – que modificou o conceito de construção de navios – o balão de observação e o trem. Por fim, arremata a sua análise tratando das conseqüências da guerra, sob os pontos de vista político, jurídico e econômico.

O nono embate abordado no livro, a “Guerra do Paraguai”, foi o conflito mais longo que ocorreu na América do Sul. Guerra de características muito peculiares, travada em um cenário geograficamente difícil, sofreu influência direta da Guerra de Secessão estadunidense e dos avanços industriais na Europa. O historiador Francisco Doratioto, escolhido para abordar o tema, discorre sobre o cenário geopolítico do conflito, que denominou de “tabuleiro platino”, no qual Brasil, Argentina e Uruguai formaram a Tríplice Aliança contra o inimigo comum, o Paraguai. Analisa as principais batalhas, dando destaque à campanha travada em dezembro de 1868, que ficou conhecida como “Dezembrada”. Ao expor os custos e as conseqüências da guerra, Doratioto fecha a sua análise discorrendo sobre o custo em vidas humanas, ainda que controverso, o esforço econômico a que o Império brasileiro foi submetido e os desdobramentos de natureza política da guerra.

O Vice-Almirante Armando Amorim Ferreira Vidigal aborda as “Guerras da Unificação Alemã”, levando o leitor a vivenciar o contexto

geopolítico no qual a questão alemã, com a sua complexidade intrínseca, se constitui num capítulo importante da história européia. O Almirante Vidigal analisa a reforma do exército prussiano, as Guerras – dos Ducados, Austro-Prussiana e Franco-Prussiana – e conclui o tema, num esforço de síntese que denominou “Rumo à Guerra Mundial”, apontando como a unificação alemã, com seus desdobramentos geopolíticos, deságua na Primeira Guerra Mundial.

“A Grande Guerra foi a mãe das guerras dos séculos XX e XXI”. Este pensamento do Coronel Luiz de Alencar Araripe consta da introdução do capítulo sobre a “Primeira Guerra Mundial”. Araripe analisa a Geografia, a Tecnologia, as estratégias e os Teatros de Operações que envolveram os oponentes: a Tríplice Entente (França, Grã-Bretanha e Rússia) e as Potências Centrais, aliança formada pelos Impérios Centrais – Alemanha, Áustria-Hungria, Itália (no início do conflito), e a Turquia. O autor reserva uma parte específica do texto para tratar da participação do Brasil na guerra, citando a Divisão Naval de Operações de Guerra (DNOG), e arremata a sua análise abordando o que teria sido a guerra sem a participação dos EUA.

A “Segunda Guerra Mundial”, guerra total única na história da humanidade por apresentar números fabulosos, tanto pela capacidade de mobilização dos países envolvidos como pela crueldade, espelhada pela destruição em massa de seres humanos, é analisada pelo historiador

Pedro Tota. O autor apresenta as suas origens, o seu início, os Teatros de Operações da Europa e do Pacífico, a participação das Américas, com destaque para os EUA e o Brasil, e, por derradeiro, as heranças do conflito que, ao seu final, marcou o eclipse da hegemonia europeia e deflagrou o período de antagonismo leste-oeste, conhecido como “Guerra Fria”.

Ao organizador do livro, geógrafo Demétrio Magnoli, coube desvendar as “Guerras da Indochina”, que, na verdade, são dois conflitos distintos e inter-relacionados, que se desenrolaram de 1946 a 1975. O primeiro, a “Guerra da Indochina” (1946 a 1954), envolveu uma potência colonial, a França, e o movimento de libertação nacional do Vietnã, conhecido como “Vietminh”. O segundo, a “Guerra do Vietnã” (1960 a 1975), envolveu os EUA e o Vietnã do Norte, que tinha como aliado o “Vietcong” (comunistas do Vietnã do Sul). Magnoli discorre sobre: o Vietminh, e seu líder Ho Chi Minh; a Guerra da Indochina, com o famoso combate de Dien Bien Phu, que marcou a derrocada dos franceses; o período entre guerras; e a própria Guerra do Vietnã, analisada em três tempos. Marca o final do trabalho, apresentando o “Vietnã e a História”, evidenciando a historiografia ocidental, mormente a estadunidense, uma vez que, segundo o autor, “as narrativas e avaliações vietnamitas, soviéticas e chinesas carecem de conteúdo crítico”.

Com o pensamento de que “o panorama do Oriente Médio e, dentro

dele, o conflito árabe-israelense, não pode ser compreendido senão na moldura mais geral do colonialismo e do imperialismo ocidentais”, o jornalista Cláudio Camargo inicia a sua análise das “Guerras Árabe-Israelenses”. Antes de discorrer sobre os conflitos de 1956, a “Guerra dos Seis Dias” (1967) e a “Guerra do Yom Kippur” (1973), o autor faz uma digressão de cunhos histórico e político, abordando “do sionismo à criação de Israel” e a “glória israelense e a desgraça árabe-palestina”. Finaliza Cláudio, buscando a resposta para a seguinte indagação: “depois de tantos conflitos sangrentos, é possível pensar em paz entre israelenses, árabes e palestinos no Oriente Médio?”

O capítulo que fecha o livro, tratando sobre as “Guerras do Golfo”, é produzido pelo jornalista William Waack. Ao analisar a “Primeira Guerra do Golfo” (1991) e a “Segunda Guerra do Golfo” (2003), busca demonstrar que os dois conflitos não são duas metades de um mesmo evento. Ao finalizar o seu texto, Waack expõe, de forma singular, a sua idéia sobre a missão “messiânica” dos EUA no Iraque: “E o que parecia apenas uma missão inacabada ao final da Primeira Guerra do Golfo, ao final da Segunda parecia, simplesmente, uma missão impossível”.

Ao se terminar de conhecer os juízos dos autores sobre os quinze conflitos analisados, pode-se fixar o entendimento de que a história da humanidade está intrinsecamente relacionada às guerras. Por conseguinte, desde a antiguidade,

diversos estudiosos têm buscado desenvolver uma teoria que sustente o entendimento da guerra como um fenômeno político-social por excelência, no qual o seu elemento básico e primordial foi e sempre será o homem. Apesar dos sacrifícios que impõe à humanidade, as guerras vêm contribuindo, de alguma maneira, para o progresso da humanidade; não só do ponto de vista científico-tecnológico,

mas, também, para inculcar no ser humano percepções de natureza sócio-psicológica.

Mas será que a “guerra para acabar com todas as guerras”, aquela em que todas as disputas entre as nações seriam resolvidas, ainda seria possível? A situação mundial hodierna permite pensar que a derradeira guerra é mera utopia!